

## **A relevância do Telejornalismo nos 70 anos da TV: como enfrentar as mentiras e *fake news* que abalam a democracia e ameaçam a liberdade de expressão no Brasil<sup>1</sup>**

Flávio AC Porcello<sup>2</sup>  
Universidade Federal do Rio Grande do Sul<sup>3</sup>

### **RESUMO**

A relevância do telejornalismo aos 70 anos da TV no Brasil é o tema deste artigo. A pandemia determinou alterações nas rotinas produtivas, hábitos profissionais, detalhes técnicos e as narrativas audiovisuais no telejornalismo no Brasil e no mundo. A forma possível de aproximação de pessoas deu-se, basicamente, de modo virtual. Pelas telas de celulares, computadores e dispositivos móveis passamos a ver e ouvir os outros. O Brasil se vê e se reconhece pela TV. avanço tecnológico permitiu ampliar o acesso à informação mas, também, trouxe novas modalidades de espalhar falsas informações na imensidão do mundo virtual. Assim surgiram as *fake news*. Ressalte-se que o Telejornalismo é eficiente antídoto contra mentiras, inverdades, falsidades, *fake news*, e todo o tipo de manifestação inverídica divulgada para distorcer a realidade, enganar as pessoas e ameaçar a democracia.

**PALAVRAS-CHAVE:** Telejornalismo; Televisão; Poder; Verdade; *fake news*.

### **TEXTO DO TRABALHO**

A re-invenção do telejornalismo aos 70 anos da TV no Brasil é o tema do presente artigo. As mudanças nas rotinas produtivas, hábitos profissionais, detalhes técnicos e demais fatores que caracterizam as narrativas audiovisuais são aspectos que mudaram no fazer telejornalismo depois da pandemia do coronavírus no Brasil e no mundo. Mas antes é preciso dizer que nada parecido havia acontecido antes nestes 70 anos de televisão no país. Por isso, é importante lembrar que a TV chegou ao Brasil em 18 de setembro de 1950, com a PRF-3 TV Tupi, Canal 6, de São Paulo, e nestas sete décadas de existência tornou-se a mais poderosa fonte de informação e de comunicação

---

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 43º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Doutor em Comunicação Social, professor de Telejornalismo da Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação/UFRGS. E-mail: flavio.porcello@ufrgs.br

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

entre as pessoas. Além de abrangente, já que 97% do território nacional tem o sinal da TV, ela oferece facilidade de acesso, pois qualquer pessoa pode assistir a uma emissora de sinal aberto. O professor britânico John Thompson afirma que “a televisão cria um campo de visão completamente diferente do campo de visão que os indivíduos têm com os outros indivíduos em seus encontros presenciais” (2000, pg.114). Em época de pandemia de vírus mortal COVID-19 que provocou dezenas de milhares de óbitos no Brasil e no mundo, infectou milhões de indivíduos em todo o planeta, e obrigou as pessoas a ficarem afastadas em distanciamento social, a forma possível de aproximação de amigos, colegas e parentes deu-se basicamente de modo virtual. Foi pela tela de celulares, computadores e dispositivos móveis que as pessoas puderam ver e ouvir quem falava do outro lado. O ato de fazer TV, que há 70 anos era de imagens e sons saindo de uma emissora geradora para todos os receptores aptos a recebê-la por sinal analógico, tornou-se com o passar do tempo a ser uma transmissão digital de um indivíduo para outros em ligações de celular; ou, de várias pessoas em rede como nas *lives*, reuniões e videoconferências; ou, ainda, de algum ponto de algum lugar do mundo para todo o planeta, como na transmissão da missa de Páscoa de 2020 rezada pelo Papa Francisco no Vaticano e transmitida ao vivo pela TV para todo o planeta. *Tele* (que significa longe, em grego) conjugado com *Videre* (do verbo ver, que vem do latim) formou a palavra televisão: ver de longe! E poder ver e ouvir imagens e sons de qualquer lugar para qualquer outro lugar, atravessou fronteiras geográficas, encurtou distâncias, mudou a forma de comunicação e aproximou pessoas! O Brasil se vê pela TV! Em 2020, o vírus mortal que abalou o mundo provocou, também, a maior mudança que a televisão teve em sua história e a TV reinventou-se!

Com a migração das rotinas produtivas de trabalho para o chamado *home-office*, jornalistas e fontes passaram a atuar de seu ambiente residencial para transmitir por TV, rádio, internet as informações ao público. E assim, várias regras de procedimento e modelos de conduta que há 70 anos eram ensinados no Brasil pelos manuais de redação foram substituídos por novas atitudes, hábitos, métodos, muito mais informais, adequados e seguros. O avanço científico permitiu mais e melhor acesso às novas tecnologias de comunicação. Equipamentos mais acessíveis, com mais recursos técnicos e a custos menores facilitaram o acesso das pessoas aos aparelhos que antes só as grandes corporações tinham condições de adquirir. Falar e se ver na TV ficou fácil e barato. Mas, por outro lado, a facilidade de acesso expôs um sério problema: dominar as

---

técnicas audiovisuais que a narrativa televisual exige. Daí a importância das reflexões que vamos fazer a seguir.

Fazer TV pode parecer fácil e barato pois é simples adquirir equipamentos banais como telefone celular com câmera e microfone. Direcionar a câmera do celular para algum ponto, gravar e narrar o que a câmera mostra não é difícil. Mas só isso não garante bons resultados e nem significa fazer TV. As técnicas profissionais, enquadramentos, iluminação do ambiente e qualidade de áudio precisam obedecer a regras bem determinadas para que resultado do vídeo seja aproveitável e permita acessar conteúdos relevantes. Focando a questão pelo ângulo da TV e do Telejornalismo vale lembrar algumas regras vigentes por tantas décadas e que, com a pandemia e o distanciamento social, foram modificadas, embora continuem sendo essenciais e indispensáveis, mas agora estão adaptadas aos novos tempos.

Algumas regras básicas que todo o estudante de jornalismo já aprendia nas primeiras aulas de TV eram essas: fazer nas entrevistas externas com que o entrevistado sinta-se à vontade. Ambientar a cena, como se dizia ao ensinar aos alunos. E nunca, jamais, em situação alguma, deixar o entrevistado segurar o microfone, pois o microfone na mão dá ao jornalista a autoridade para conduzir a conversa com suas perguntas, dialogar ou interromper o entrevistado, se fosse o caso. Na cobertura da TV durante a pandemia o que se viu foi o contrário. Entrevistados recebiam um microfone para falar enquanto repórteres perguntavam por outro microfone. Isso quando a equipe estava em reportagem externa gravando da rua com entrevistados. Na maior parte das participações as fontes (especialmente médicos, enfermeiros, psicólogos, terapeutas e profissionais da saúde) gravavam o próprio depoimento utilizando dispositivos móveis como celulares, smartphones, notebooks ou desktops. Além de escolher o cenário para falar, entrevistados tinham que administrar o próprio tempo de fala nos casos de áudios ou vídeos gerados por aplicativos como WhatsApp.

Assim, as notícias na televisão o têm o poder legitimador e se constituem na fonte dos acontecimentos que compõem a “realidade” para um grande número de pessoas e de maneira muito impactante. Por essa razão, o trabalho de quem produz o telejornal torna-se continuamente mais desafiador, especialmente na tomada de decisões que vão definir a construção da versão dos acontecimentos do dia (PICCININ *in* FELLIPI, PICCININ, SOSTER, 2006, pg.140).

Vamos analisar a mudança na forma de gerar conteúdos para o telejornalismo. Por sinal, essa foi uma característica marcante na trajetória da televisão no Brasil e no

mundu. A TV surgiu há um século na Inglaterra, mas ao longo destes quase 100 anos precisou reinventar-se muitas vezes. No início trazia a inspiração do rádio para o áudio e do cinema para as imagens. Os telejornais, como o Repórter Esso, eram uma versão com imagens do noticiário criado para a rádio. Mas logo a TV adquiriu forma própria. Telenovelas, programas de auditório, transmissões esportivas, cobertura de grandes eventos sociais e políticos vinham no formato original do rádio com a diferença que estavam sendo mostrados pelas câmeras de TV. Logo a televisão encontrou sua forma própria de transmitir. E aí surgiu o Telejornalismo. Por mostrar imagens ao vivo dos acontecimentos ela mostrava vantagens sobre o rádio. Com a chegada do vídeo teipe (VT) na década de 1970 a TV deu o salto de qualidade para assumir sua peculiar identidade. A Copa do Mundo de 1970, no México, a primeira transmitida em cores, mostrou a agilidade obtida com a chegada do VT. As imagens podiam ser editadas, permitindo recortes, angulações diferentes de um gol, por exemplo. Ou expressões dos atletas. Ou, ainda, as escolhas de melhores momentos de uma partida de futebol.

Nessa linha é importante também considerar outra lição extraída do livro **Edição em Jornalismo: Ensino, Teoria e Prática** (2006) ensinada aos alunos de jornalismo sobre as rotinas produtivas em TV:

A TV não é mera observadora dos fatos. Por trás de uma câmera está o olhar atento de um cinegrafista; a matéria é uma história contada pela ótica do repórter; na edição o jornalista faz escolhas, optando por uma e não por outra cena, por esse e não por aquele trecho da resposta do entrevistado. TV é edição, é recorte, é fragmento. O desafio de quem trabalha nela é escolher certo, com responsabilidade, critério. Ética, e, principalmente, honestidade. Existe imparcialidade jornalística? É claro que não. A ótica do jornalista, do cinegrafista, do fotógrafo, do diretor da empresa e dos interesses que ele representa sempre estarão de algum lado (PORCELLO *in* SOSTER, PICCININ e FILIPI, 2006, pg.156).

Mas é preciso considerar que, embora os avanços tecnológicos tenham facilitado o acesso a equipamentos e dispositivos cada vez mais fáceis de adquirir e operar, existe uma diferença fundamental entre o olhar curioso das pessoas gravando imagens nas ruas e o olhar técnico, ético, preciso e profissional de quem tem formação jornalística. Todos são livres para apontar o celular para o que quiserem e divulgarem as imagens e áudios captados divulgando em suas mídias digitais o que quiserem e como quiserem. Aí está a principal questão: a formação técnica, o compromisso moral e ético de quem exerce profissionalmente o Jornalismo obrigam ao cumprimento de regras e procedimentos compatíveis com a verdade e o bom senso. O não cumprimento destas regras sujeita o

profissional que infringir o código de ética à responsabilização cível ou criminal. Mas quem se esconde no anonimato em perfis falsos nas redes sociais e divulga material impróprio ou ilegal desrespeita as normas mais elementares de convivência social e, na maioria das vezes, escapa pelos caminhos da impunidade.

A validação de conteúdos informativos por jornais, revistas, sites de notícias, rádios, TVs e afins é uma certificação de autenticidade. “Se saiu na TV, no rádio ou no jornal é porque é verdade!” dizia-se no século XX, marcado pela expansão dos veículos de comunicação, em especial o rádio nos anos 1930 e da TV nos anos 1950 em diante. E era realmente possível com alguma facilidade desmentir boatos e separar as notícias verdadeiras das falsas com a apuração jornalística bem feita. A Imprensa, como instituição, e jornalistas, como profissionais, tem o direito de manifestar opiniões, é claro, mas cumprindo sempre o dever de respeitar os princípios éticos e os direitos das pessoas e dos animais. Com a expansão da internet e das mídias sociais no século XXI o volume de informações aumentou exponencialmente e as formas de infiltrar as mentiras no que chega ao público também. Antes eram cartas anônimas ou trotes telefônicos que escondiam a autoria. Hoje a moderna tecnologia ajuda a rastrear os passos e chegar à origem da mensagem. O avanço tecnológico permitiu o surgimento da internet, ampliando o acesso à informação, mas, também, permitindo novas modalidades de espalhar falsas informações na imensidão do mundo virtual. Assim surgiram, entre outras fraudes, as *fake news*. Notícias falsas e mentiras sempre existiram desde que existe Imprensa mas nunca na proporção atual. Um exemplo de boato antigo (ou *fake news* para usar um termo mais atual) é desconfiar que as urnas eletrônicas, como nós votamos no Brasil há 25 anos, permitem fraudes e manipulam a contagem de votos. Até hoje a Justiça Eleitoral faz campanhas esclarecendo que as urnas eletrônicas são confiáveis. Outro exemplo bem recente aconteceu na política brasileira na última eleição geral em outubro de 2018 e todos sabemos suas consequências. Tratei do assunto nos dois congressos da Intercom anteriores a este em que o presente trabalho está sendo apresentado agora de forma virtual em razão do distanciamento social para evitar a contaminação pela Covid-19.

No 41º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, realizado pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom) na Universidade da Região de Joinville (Univille) em setembro de 2018, portanto um mês antes da realização das eleições gerais no país. O trabalho intitulado **Verdade x**

---

**Mentira: a ameaça das *fake news* nas eleições de 2018 no Brasil**, apresentado por mim e por Francielly Brites, antecipava que “mentira poderá eleger o futuro presidente da república”. E, um mês antes da eleição, alertava:

O Brasil escolherá pelo voto direto dos eleitores quem conduzirá o país nos próximos quatro anos. É fundamental que a escolha dos eleitos seja coerente e baseada em verdades e não em mentiras ditas, publicadas, replicadas e compartilhadas durante a campanha eleitoral. Os alertas já estão feitos, inclusive pela justiça eleitoral que promete rigor na fiscalização do pleito. Mas é do Jornalismo que se espera um papel decisivo nesse processo. Mais do que nunca é preciso filtrar o que é verdadeiro do que é falso. E caberá ao Jornalismo o papel central de dar a certificação de verdade, emitir o selo de confiabilidade às informações que o público e a audiência receberão para, assim, tomar a decisão de escolher um futuro melhor para o Brasil (PORCELLO e BRITES, 2018, pg.13).

O Jornalismo não falhou na sua missão, mas naquela época foi vencido!

A máquina de produzir mentiras, alimentada pelos robôs programados para espalhar *fake news* enganou a maioria dos eleitores.

No congresso seguinte, o 42º Intercom, realizado na Universidade Federal do Pará (UFPA), apresentei no GP Telejornalismo o trabalho intitulado **O papel social do Telejornalismo em defesa da liberdade de expressão e da democracia plena no Brasil**. Um ano depois o quadro já era outro: terrível e ameaçador. A mentira não só havia ajudado a eleger Jair Bolsonaro, deputado federal eleito pelo Rio de Janeiro, e mais conhecido por suas bravatas e agressões a outros parlamentares do que por apresentar projetos relevantes para ao país. Em 2018, ele foi eleito por 55,13% dos votos contra seu opositor, Fernando Haddad (PT) que fez 44,87% dos votos. E, com ele, foram eleitos centenas de governadores e parlamentares alinhados ao seu pensamento autoritário e conservador.

O trabalho apresentado no congresso científico em 2019 analisava os primeiros seis meses de governo e já antecipava outra realidade que também se concretizou: foi possível para Bolsonaro vencer a eleição com o uso de robôs espalhando mentiras para enganar os eleitores mas não é nunca será possível governar o país usando a mesma estratégia. O governo Bolsonaro, nos seus primeiros 18 meses, foi marcado por crises políticas, turbulência constante, insegurança jurídica, desrespeito aos outros poderes da República e demissões sequenciais de ministros. O texto apresentado no GP Telejornalismo dizia:

---

O combustível que impulsiona as crises é sempre originário de manifestações impróprias para um governo republicano. E, na maior parte das vezes, as informações falsas, inverídicas ou imprecisas vêm dissimuladas pelo anonimato, perfis falsos ou a utilização de robôs para amplificar e dar maior extensão às informações e opiniões que circulam nas redes. O melhor antídoto contra as *fake news*, também disfarçadas pela agora denominada “pós-verdade”, é a verdade pura e simples. E o mais confiável caminho para fazer com que a informação chegue precisa e verdadeira ao público é o bom e honesto Jornalismo! (PORCELLO, 2019, pg.14).

É importante ressaltar que o Telejornalismo é um eficiente antídoto contra mentiras, inverdades, falsidades, *fake news*, e todo o tipo de manifestação falsa intencionalmente divulgada para distorcer a realidade, enganar as pessoas e ameaçar a democracia. Para comprovar a afirmação vale lembrar um episódio recente que provocou a pior crise do governo Bolsonaro nos seus primeiros 18 meses de mandato.

Por não estar sob censura, como muitos governistas desejavam, a Imprensa pode mostrar o que tramava o governo no Palácio do Planalto em uma reunião oficial absolutamente fora dos padrões regimentais, da liturgia e da postura exigida para quem ocupa cargos como presidente, vice-presidente e ministros de estado. Após as revelações mostradas na reunião ministerial de 22 de abril de 2020, que o governo quis esconder, mas teve as imagens e o áudio divulgados por autorização do Supremo Tribunal Federal (STF), as relações de Jair Bolsonaro com a Imprensa foram piorando na medida em que se aprofundavam as denúncias de corrupção contra seu governo e da influencia cada vez maior de seus filhos nas decisões de governo. Para blindar a família das sucessivas ações judiciais e das críticas da imprensa, o presidente passou a atacar de forma cada vez mais forte a Imprensa, atijando seus seguidores a assediar e agredir jornalistas. As emissoras mais visadas suspenderam o envio de repórteres para cobrir as “entrevistas” diárias que Bolsonaro concedia em respostas aos seus seguidores fielmente postados na entrada do Palácio da Alvorada para dificultar e impedir o trabalho dos verdadeiros repórteres. Para segurança de suas equipes ante as ameaças, os principais jornais e emissoras de radio e TV decidiram retirar seus repórteres da portaria do Palácio do Planalto e com isso deixaram, também, de divulgar as declarações diárias do presidente à sua claque, reduzindo significativamente as polêmicas que suas declarações criavam.

O governo federal passou a dificultar informações em um momento de grande aflição para todo o país durante a pandemia de Covid-19, inclusive na divulgação dos números

diários oficiais. O STF mandou voltar ao sistema anterior, baseado em números reais, mas nem seria preciso: em atitude muito rara, seis veículos de comunicação concorrentes (jornais Extra, Folha de S.Paulo, O Estado de S.Paulo, O Globo e sites G1 e UOL) formaram um consórcio de para revelar em conjunto as informações verdadeiras baseadas nos relatos das secretarias estaduais de saúde. Distante deste *pool* de emissoras, o SBT seguiu cumprindo a risca as orientações de Sílvio Santos com noticiário sempre favorável “ao governo e suas realizações”. A retribuição oficial veio logo em seguida: dia 10/06/2020 o governo recriou o ministério das comunicações e o entregou ao genro de Sílvio Santos, o deputado federal Fabio Farias, (PSD-RN). Farias integrava o chamado “Centrão”, uma aliança entre siglas partidárias que tem como ponto de ligação não as afinidades ideológicas e sim o objetivo de ocupar cargos em ministérios e em empresas estatais para obter verbas públicas e vantagens político-eleitorais. Acuada, a medida que fechava-se o cerco da justiça contra ele e tentando manter-se na presidência da república, Bolsonaro virou refém do referido “Centrão”, que o chantageava com pressão política. Quase na metade de seu mandato Bolsonaro descartou o PSL, partido pelo qual elegera-se, e passou a governar sob a influência do “Centrão” que nomeava ministros e juizes dos tribunais superiores (STF, STJ, TCU, etc...) visando proteger-se de processos judiciais futuros.

Então, como pudemos ver acima, essas foram mais provas do que acontece desde a chegada da TV no Brasil: as relações espúrias e sombrias entre a Mídia e o Poder! O governo concede e o agraciado com a concessão retribui, agradando o governo com elogios e notícias sempre favoráveis. Se o governo não atende, sofre chantagens e retaliações.

Voltando ao tema inicial, a re-invenção do telejornalismo aos 70 anos da TV no Brasil, é importante considerar as aspectos positivos e negativos do uso indiscriminado de imagens para a comunicação entre as pessoas no chamado “novo normal”, ou seja, as novas formas de contato visual entre as pessoas em razão do distanciamento social imposto pela pandemia.

Um aspecto altamente positivo é a quantidade extraordinária de câmeras que nos observam o tempo todo. As câmeras de vigilância já fazem isso há muito tempo mas como o comércio, a indústria, as ruas, as casas, enfim, em quase todos os lugares há uma câmera de segurança ligada. E quando não há, a pessoa aponta a câmera de seu celular e grava o que quiser aonde quiser. Com isso, crimes são registrados,

especialmente em casos de violência policial contra inocentes. Um exemplo marcante foi a morte do negro George Floyd, asfixiado por policiais brancos nos Estados Unidos em junho de 2020. O caso só ganhou a repercussão extraordinária que gerou o protesto anti-racista *Black Lives Matter* (vidas negras importam) porque foi visto no mundo inteiro e despertou a reação popular que puniu os infratores e fez a polícia norte-americana rever seus procedimentos.

Um aspecto negativo é o excesso de exposição ao vídeo que provoca fadiga e improdutividade em reuniões longas e exaustivas. As *lives*, que prosperaram em proporção exagerada para atender a demanda de reuniões, videoconferências, aulas, palestras, bancas, aulas, etc, em razão do distanciamento social pela pandemia provocaram um desgaste enorme nas pessoas. Uma *live* utiliza os recursos de TV para funcionar: enquanto uma pessoa aparece falando, as outras também aparecem na tela do computador ou celular apenas ouvindo. Se a explanação é longa, quem apenas ouve perde a concentração e dispersa a atenção:

A origem dessa fadiga tem razões que merecem análise. Fazer uma videoconferência longa com câmera ligada envolve um esforço de comunicação que não é nada natural. Por mais que a imagem queira nos enganar que estamos olhando e interagindo com pessoas, a verdade é que não estamos olhando para ninguém, mas sim para uma tela. Nas relações pessoais físicas, a interação em “tempo real” permite construir confiança mútua pela leitura de sinais como expressões faciais, postura corporal e o fato de os envolvidos estarem vivendo uma mesma experiência de tempo e espaço. (LEMOS, 2020).

E continua o professor da Universidade de São Paulo (USP), explicando o que já se convencionou chamar de *zoom fatigue*:

Além disso, é impossível ler com precisão os sinais de quem está do outro lado. O emissor não sabe como o receptor reage à sua mensagem. Ao mesmo tempo, todos ficam prisioneiros de um quadrado virtual fixo, determinado pela câmera. Para piorar, há o problema de para onde olhar. Se o participante olha para a câmera, isso produz um efeito positivo no receptor, que fica com a sensação de estar sendo olhado “nos olhos”. No entanto, gera um efeito contrário no emissor, que se desconecta da expressão facial da pessoa e passa a focar não um olho humano, mas sim o minúsculo e perturbador buraco negro da câmera, posicionada no topo da tela. Se a decisão é olhar para o rosto da pessoa, ela pode estar posicionada no canto inferior esquerdo da tela. O ouvinte se conecta aos olhos dela, mas, para quem está falando, fica parecendo que a pessoa está com o olhar enviesado. Um desencontro total. O resultado de tudo isso é o cansaço, o estresse, a raiva e a frustração causados pela artificialidade das reuniões virtuais. (LEMOS, 2020)

---

Ao final deste artigo vamos retomar a questão do papel social da televisão. Por sua abrangência, penetração e alcance - atinge 97% da população nacional - ela é um espelho para sociedade. O Brasil se vê pela TV. Este é um dos fatores que explica que o país com sua vasta extensão territorial e população superior a 210 milhões de habitantes, mesmo que com variados sotaques regionais, fale em uníssono um único idioma: o português.

Escrever sobre televisão hoje é observar com atenção essas fronteiras móveis. E confirmar todos os dias: internet é televisão, rádio é televisão, smartphone é televisão. O assunto ganhou outra dimensão, sua importância cresceu ainda mais. A TV aberta certamente já não reina sozinha: divide com outras plataformas o que antes era só dela. Mas, em vez de perder no processo, tem sabido aprender com ele e se renovar, se alimentar dos concorrentes. São 70 anos. E, até aqui, a previsão mais provável é de muitos outros (KOGUT, 2020).

E prossegue:

Com a ascensão do streaming, a morte da TV aberta, ou a sua decadência, voltou a ser dada como certa. E a realidade teima em desmentir as previsões. Certamente o conceito de televisão se ampliou. Não à toa, a palavra “conteúdo” está cada vez mais frequente para denotar aquilo que se chamava exclusivamente de “programação” há alguns anos. TV hoje é a TV aberta, é a TV fechada, é o streaming, é até o que se vê em redes sociais. Mas nada disso comprometeu a TV aberta, um poderoso meio de comunicação, cuja força maior está nas realizações ao vivo e nas produções que emulam o vivo, como a novela diária (KOGUT, 2020).

E assim a TV segue cumprindo seu importante papel social no Brasil. Ela está presente em todo o território nacional, com exceção de locais inacessíveis ou em grandes florestas ainda não exploradas por seres humanos. O termo “exploradas” aqui utilizado não é acidental. A selva amazônica, importante reserva natural que contribui para regular o meio-ambiente e temperatura nas águas dos oceanos, nos pólos e em todo o planeta está ameaçada. A exploração de suas riquezas provoca devastação e danos irreversíveis. O governo brasileiro despreza as denúncias de ambientalistas e críticas de outros países preocupados com a questão ambiental. E como *fake news* parece ser uma marca característica de seu governo, o próprio presidente da república, Jair Bolsonaro, ao abrir a 75ª Conferência Anual das Nações Unidas (ONU), em vídeo gravado em razão da pandemia, disse que o Brasil é “vítima” de uma campanha “brutal” de desinformação sobre a Amazônia e o Pantanal. Ele assinalou que a floresta amazônica é “úmida” e que só pega fogo nas “bordas”. Acusou, ainda, “índios e caboclos” de serem

responsáveis pelas queimadas que incendeiam as florestas. Afirmou que ela é úmida e não permite a propagação do fogo em seu interior: “Os incêndios acontecem praticamente nos mesmos lugares, no entorno leste da floresta, onde o caboclo e o índio queimam seus roçados em busca de sua sobrevivência, em áreas já desmatadas”, disse ele na Assembleia Geral da ONU em 22/09/2020.

Jornais do Grupo Globo comprovaram que a afirmação não é verdadeira: é *fake news*!

A investigação jornalística e declarações de fontes consultadas contestam o que disse Bolsonaro. A floresta permanece úmida em algumas regiões, mas o avanço do desmatamento e a abertura de estradas levaram à perda de parte de suas características originais, e, assim, a Amazônia se tornou mais suscetível a grandes incêndios, explicou o ambientalista Antonio Oviedo, assessor do Instituto Sócio-Ambiental (ISA), ONG presente na Amazônia há 25 anos:

Afirmar que a floresta é úmida como um todo era algo verdadeiro há 60 ou 70 anos; hoje, com 20% desmatado, isso não é mais um fato. Ela é úmida em áreas como no interior do Rio Solimões ou no alto do Rio Negro, onde não tem muitas estradas, mas mesmo lá o fogo já tem entrado, por conta do desmatamento. Quando se fragmenta a floresta em blocos, vem o efeito de borda. Quanto mais bordas tiver, mais seca fica, e facilita a entrada do fogo (OVIEDO, Portal G1, 23/09/2020).

Ane Alencar, diretora de Ciência do Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), ONG que desde 1995 trabalha pelo desenvolvimento sustentável na região, reforça que

o desmatamento, a exploração da madeira e outras atividades humanas mudam a condição da floresta úmida como barreira ao fogo”, e que “a floresta não queima sempre no mesmo lugar”, ao contrário do dito pelo presidente Bolsonaro, mas, sim, onde o incêndio é provocado (ALENCAR, Portal G1, 23/09/2020).

O Porta-voz do Greenpeace, Rômulo Batista, morando há 15 anos na Amazônia, lembrou que não é mais possível dizer que a região é uma floresta primária.

A Amazônia sofre com desmatamento, extração de madeira, clareiras, e isso faz com que mais sol entre no interior da floresta e seque a matéria orgânica, o que favorece quando há incêndio. Ela queima mesmo úmida (BATISTA, Portal G1, 23/09/2020).

E o Observatório do Clima foi mais longe. Citando os dados da Nasa, também classificou as afirmações do presidente do Brasil acerca da origem das queimadas como “mentira”. E acentuou que “as queimadas ocorrem por desmatamento, práticas agrícolas e incêndios que escapam para florestas.” A equipe de checagem do Portal G1 do Grupo Globo concluiu que a informação de Bolsonaro foi *fake*. Foram analisadas sete

---

declarações contidas no discurso: três eram *fakes*, duas eram fatos realmente e outras duas estavam na categoria “não é bem assim”.

Com esse exemplo trazido de um contexto mais amplo, já que o discurso proferido na Organização das Nações Unidas ONU) tem amplitude mundial, em encaminhamos o encerramento do presente artigo. Pelo terceiro ano consecutivo trazemos à apreciação do GP Telejornalismo da Intercom, neste encontro nacional realizado no modo virtual em razão da pandemia, a questão relativa às *fake news* como ameaça à verdade e ao pleno exercício da democracia no país. Em 2018, a disseminação de notícias falsas ajudou a eleger o governo. E elas continuaram sendo utilizadas como mecanismos de desinformação com o objetivo de sustenta-lo no poder.

Graças a esses mecanismos, ou não, a popularidade de Bolsonaro subiu consideravelmente no segundo semestre de 2020. Também devem ter contribuído significativamente para o aumento nos índices de popularidade as medidas econômicas, programas de auxílio como Renda Brasil (ex-Bolsa Família), adotadas para fornecer renda às populações mais desfavorecidas com a expansão da pandemia e o aumento do desemprego que atingia 13 milhões de pessoas no país. Pesquisa IBOPE realizada em setembro mostrou que Bolsonaro tinha 40% de apoio dos entrevistados, aumento considerável em relação aos 29% que ele tinha em dezembro de 2019<sup>4</sup>. Ainda, segundo a pesquisa IBOPE, 46% disseram confiar em Bolsonaro e 51% disseram não confiar nele. No dia seguinte à divulgação da pesquisa de opinião, o colunista de O Globo, Nelson Motta, escreveu:

Ele confia na ignorância de sua base e não liga de ser debochado, desmentido e chacoteado pelos que sabem das suas mentiras mal contadas. Esses não vão votar nele mesmo, então não o interessam.(...) Ele vira piadas, escrachos e memes, mas não liga, aposta sempre na ignorância, talvez por ser ele mesmo de ignorância cavalari — que não se confunde com burrice ou ingenuidade. A inteligência a serviço do mal provoca mais danos que a burrice (MOTTA, O Globo, 24/09/2020).

E concluiu afirmando que:

Jair não é burro nem ingênuo e está desenvolvendo uma mistura explosiva de pastor evangélico e militar latino-americano, com um discurso populista-nacionalista, baseado em verdades fictícias, sempre sem provas concretas, e mentiras conscientes que só vão gerar mais ignorância. A vantagem de mentir para ignorantes é que ninguém o contesta (MOTTA, O Globo, 25/09/2020).

---

<sup>4</sup> Pesquisa IBOPE realizada entre 17 e 20 de setembro de 2020 COM 2.000 pessoas em 127 municípios: Ótimo/Bom: 40%, Regular: 29%, Ruim/Péssimo: 29%, Não sabe/Não respondeu: 2%.

Reiteramos aqui que, pela abrangência e alcance da TV em praticamente todo o território nacional, o Telejornalismo é o perfeito antidoto para desmentir as *fake news* e esclarecer a verdade dos fatos. Reafirmamos assim que o papel social da TV em geral, e do Telejornalismo em especial, ocupa lugar de destaque no cenário político brasileiro e mundial. Como disse Winston Churchill, “em uma guerra a primeira vítima é a verdade” e se há no Brasil uma guerra entre verdade x mentira com interesses políticos claramente declarados e com ameaças concretas à liberdade de imprensa e de expressão, é obrigação do jornalismo profissional exercer seu papel social de fiscalizar o poder e defender uma sociedade mais justa, igualitária e plural.

## REFERÊNCIAS

### Referências bibliográficas

FELIPPI, Ângela; PICCININ, Fabiana e SOSTER, Demétrio (Orgs) – **Edição em Jornalismo: Ensino, Teoria e Prática**. Santa Cruz do Sul: Ed Unisc, 2006.

KOGUT, Patrícia. TV: **Essa tela que traduz o Brasil**. Rio de Janeiro: jornal O Globo, (13/09/2020).

LEMONS, Ronaldo. **Porque o zoom cansa tanto?** São Paulo: jornal Folha de S.Paulo, em 22/06/2020.

MOTTA, Nelson. **Ignorância gera ignorância**. Rio de Janeiro: jornal O Globo, em 25/09/2020.

PORCELLO, Flávio e BRITES, Francielly – **Verdade x Mentira: A ameaça das fake news nas eleições de 2018 no Brasil**. Pesquisa apresentada e debatida nas sessões do Grupo de Pesquisa Telejornalismo no 41º Intercom, em Joinville (SC) em 2018.  
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-0364-1.pdf> (ISSN 2175-4683)

PORCELLO, Flávio – **O papel social do Telejornalismo em defesa da liberdade de expressão e da democracia plena no Brasil**. Pesquisa apresentada e debatida nas sessões do Grupo de Pesquisa Telejornalismo no 42º Intercom, em Belém do Pará (PA) em 2019.  
<http://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0084-1.pdf> (ISSN 2175-4683).

PORTAL G1 – VELASCO, Clara; MODELLI, Laís; DOMINGOS, Roney; MARTELLO, Alexandro; GUIMARÃES, Helen e PENNAFORT, Roberta de Portal G1, O Globo, Extra, Época, Valor Econômico, TV Globo, GloboNews e CBN. **Veja o que é #fato ou #fake no discurso de Bolsonaro na ONU**. Acesso em 22/09/2020.

THOMPSON, John – **O escândalo Político – Poder e visibilidade na era da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2000.

